

Rom-9

500

COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS

DIRIGIDA POR OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

75 - B

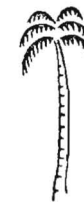
SÍLVIO ROMERO

FOLCLORE BRASILEIRO

2

CONTOS POPULARES
DO BRASIL

Edição anotada por LUIS DA CÂMARA CASCUDO
e ilustrada por SANTA ROSA



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA
RUA DO OUVIDOR, 110 — RIO DE JANEIRO — 1954

ÍNDICE

Introdução	5
------------------	---

SECÇÃO PRIMEIRA

CONTOS DE ORIGEM EUROPÉIA

1. O bicho Manjaléu	27
2. Os três coroados	36
3. O rei Andrada	43
4. O pinto pelado	46
5. Uma das de Pedro Malas-Artes	49
6. O Sargento Verde	55
7. A princesa roubadeira	62
8. O pássaro preto	68
9. Dona Labismina	74
10. A raposinha	80
11. O homem pequeno	87
12. Dona Pinta	93
13. O príncipe cornudo	99
14. A moura torta	110
15. Maria Borradeira	115
16. A madrasta	124
17. O papagaio do Limo Verde	128
18. João Gurumete	137
19. Manuel da Bengala	144
20. Chico Ramela	151
21. A sapa casada	156
22. Cova da Linda Flor	160
23. João mais Maria	167
24. A proteção do Diabo	174
25. A fonte das três comadres	179
26. O pássaro sonoro	186
27. Barceloz	191
28. Três comedores	195
29. A rainha que saiu do mar	198
30. A mãe falsa ao filho	203
31. História de João	209
32. O Sarjatário	212
33. Três irmãos	222

A RAPOSINHA

(Sergipe)

Foi um dia, saiu um príncipe a correr terras atrás de arranjar um remédio para seu pai que estava cego. Depois de muito andar, o príncipe passou por uma cidade e viu uns homens estarem dando de cacete num defunto. Chegou perto e perguntou por que faziam aquilo. Responderam-lhe que aquele homem tinha-lhes ficado devendo, e que por isso estava apanhando, depois de morto, segundo o costume da terra. O príncipe, que ouviu isto, pegou e pagou todas as dívidas do defunto e o mandou enterrar. Seguiu sua viagem. Adiante encontrou uma raposinha, que lhe disse: “Aonde vai, meu príncipe honrado?” O moço respondeu: “Ando caçando uma mezinha para meu pai que ficou cego”. A raposinha então lhe disse: “Para isto só há agora um remédio, que é botar nos olhos do rei um pouquinho de *sujidade* de um papagaio do reino dos papagaios. Meu príncipe, vá no reino dos papagaios, entre, à meia noite, no

lugar onde eles estão, deixe os papagaios bonitos e faladores que estão em gaiolas muito ricas, e pegue num papagaio triste e velho que está lá num canto, numa gaiola de pau, velha e feia”. O príncipe seguiu. Quando chegou no *reino dos papagaios*, ficou esbabacado de ver tantas e tão ricas gaiolas de diamante, de ouro e de prata; nem procurou o papagaio velho e sujo que estava lá num canto; agarrou na gaiola mais bonita que viu, e partiu para trás. Quando ia saindo, o papagaio deu um grito, acordaram os guardas e o perseguiram, até pega-lo. “O que queres com este papagaio?! Hás de morrer”, disseram os guardas. O príncipe, com muito medo, lhes contou a história de seu pai; então eles disseram: “Pois bem: só te damos o papagaio, se tu fores ao *reino das espadas*, e trouxeres de lá uma espada”. O moço, muito triste, aceitou e partiu. Chegando adiante lhe apareceu a mesma raposinha, e lhe disse: “Então, meu príncipe honrado, o que tem, que vai tão triste?” O moço lhe contou o que lhe tinha acontecido; e a raposa respondeu: “Eu não lhe disse?! Você para que foi pegar num papagaio bonito, deixando o velho e feio? Apois bem: vá ao *reino das espadas*: entre à meia noite. Você lá há de ver muitas espadas de todas as qualidades, de ouro, de brilhante e de prata, não pegue em nenhuma. Lá num canto tem uma espada velha e enferrujada; pegue nessa”. O moço seguiu. Quando chegou ao *reino das espadas*, ficou esbabacado, vendo tantas espadas e tão ricas. De teimoso, disse:

“Ora, tanta espada rica, e eu hei de pegar numa ferrugenta!” Pegou logo na mais bonita que viu. Quando ia saindo, a espada deu um *trinco* tão forte que os guardas acordaram, pegaram o moço e o quiseram levar ao rei. O príncipe contou então a sua história e os guardas, com pena, disseram: “Nós só lhe damos uma espada, se você for ao *reino dos cavalos* e trazer de lá um cavalo”. O moço seguiu muito desapontado. Adiante, numa encruzilhada, encontrou a raposinha: “Aonde vai, meu príncipe honrado?” O moço contou tudo. “Ah! eu não lhe disse!? Para que não seguiu o meu conselho? Vá ao *reino dos cavalos*, e entre à meia noite. Você lá há de encontrar muitos cavalos gordos e de todas as cores, todos aparelhados, não pegue em nenhum. Lá num canto está um cavalo velho e feio, pegue nesse”. O moço seguiu. Quando entrou no *reino dos cavalos* caiu-lhe o queixo no chão: “Ora, tantos cavalos bonitos, e eu hei de ficar com um diabo velho e magro!” E pegou num dos mais gordos e lindos. O cavalo deu um rincho tão grande, que os guardas acordaram e prenderam o príncipe. Ele, com muito susto, contou toda a sua história. Os guardas responderam: “Apois sim: nós lhe damos um cavalo, se você for furtar a filha do rei”. Aí o moço disse: “Então me dêem um cavalo para ir montado”. Eles concederam. O moço seguiu; quando ia adiante, lhe apareceu outra vez a raposinha: “Aonde vai, meu príncipe honrado?” Ele contou tudo. A raposa disse: “Pois veja: eu sou a alma da-

quele homem que estava apanhando de cacete depois de morto e de que você pagou as dívidas; ando-lhe protegendo, mas você não quer fazer caso dos meus conselhos, e, por isso, tem andado sempre em perigo... Vá montado neste cavalo; chegue à meia noite no palácio do rei, pegue a moça e bote na garupa, largue a rédea a toda brida; passe pelo *reino dos cavalos* para lhe darem o seu, pelo das *espadas* para lhe darem a sua, e pelo dos *papagaios* para levar também o seu, e vá voando para casa de seu pai, que ele vai mal. Nunca entre por *varedas*, nem preste ouvidos a ninguém até a casa. Adeus, que é esta a última vez que lhe apareço”.

O príncipe partiu. Chegando no palácio, furtou a moça; chegando no *reino dos cavalos*, recebeu o seu; no das *espadas*, a sua; e no dos *papagaios*, o seu. Seguiu sempre na carreira. Adiante encontrou uns moços que andavam à sua procura, e eram seus irmãos que vinham buscar novas dele. Os irmãos, quando o viram com objetos tão ricos, ficaram com inveja e formaram o plano de o matar para rouba-lo. Começaram a convence-lo de que deviam deixar a estrada real e seguir por uns atalhos para os ladrões não lhe fazerem mal vendo-o com aquelas cousas tão belas e ricas. Ele caiu na esparrela, e os irmãos o atiraram dentro de uma gruta no mato, onde ele tinha ido beber água. Tomaram-lhe a moça, o cavalo, a espada e o papagaio. Largaram-se para casa muito alegres, pensando que o irmão estava morto. Mas tudo aquilo chegando a palácio, en-

trou a marear-se e a ficar estragado. A moça não quis mais comer nem falar; o papagaio meteu a cabeça debaixo da asa e não quis mais falar; a espada ficou enferrujada, e o cavalo começou a emagrecer. Quando o moço estava quase a morrer na furna, apareceu a raposinha, que o tirou para fora, e o botou outra vez no caminho. Ele seguiu e chegou até ao palácio de seu pai. Quando já ia chegando, a espada deu um *trinco* e começou logo a brilhar, o papagaio voou e foi cair-lhe no ombro, a moça deu uma gargalhada e falou, e o cavalo engordou de repente. O príncipe entrou e foi logo botando um pouco de sujidade do papagaio nos olhos do pai, que ficou logo vendo, e muito alegre. O príncipe se casou com a princesa que tinha furtado, e os seus irmãos foram castigados por causa de sua falsidade.

É um conto do ciclo do Morto Agradecido, amplamente popular na Europa e Ásia. Suas incontáveis versões e a antiguidade do registo mereceram estudos e determinaram bibliografias longas. Um rapaz encontra o cadáver de um homem sendo espancado ou abandonado aos animais e aves. Explicam que é o castigo aos devedores que morrem insolventes. O rapaz paga as dívidas do morto e sepulta-o com decência. Aparece-lhe depois um amigo desconhecido, com poderes mágicos, ajudando-o a vencer todas as dificuldades. Quase sempre há uma condição preliminar do rapaz dividir com o protetor aquilo que mais ame. Na festa do casamento ou anos depois o amigo apresenta-se para exigir a metade da noiva ou do filho. O rapaz vai cumprir a promessa e o desconhecido elogia-lhe o caráter, identificando-se como a alma do morto que lhe merecera sepultura. Há várias espécies que dividem o gênero mas os elementos típicos são a dádiva do túmu-

lo e o agradecimento do morto. Gordon H. Gerould, *THE GRATEFUL DEAD, The History of a Folk Story*, The Folk-Lore Society Publications, vol. 60, Londres, 1908, é o estudo incomparável. Recente, e não menos decisivo, é o livro de Sven Liljblad *DIE TOBI-ASGESCHICHTE UND ANDERE MÄRCHEN VON TOTEN HELFERN*, Lund, 1927. Comentários gerais; Aurelio M. Espinosa, *CUENTOS POPULARES ESPAÑOLES*, III, 43, Madrid, 1947, Stith Thompson, *THE FOLKTALE, The Grateful Dead*, 50, New York, 1946. Uma novela do século XVIII, publicada por Madame de Gomes em 1732, é popularíssima em Portugal e Brasil onde já corria nas últimas décadas setecentistas, o conto de João de Calais, igualmente na literatura oral portuguesa (Teófilo Braga, *O POVO PORTUGUÊS NOS SEUS COSTUMES, CRENÇAS E TRADIÇÕES*, II, 488, Lisboa, 1885) e brasileira (Aluísio de Almeida, *50 CONTOS POPULARES DE SÃO PAULO*, 56, São Paulo, 1947); Luís da Câmara Cascudo, *CINCO LIVROS DO POVO*, VI, *História de João de Calais*. O príncipe, procurando o remédio milagroso (*Wonderful remedy*), dá sepultura a um morto e este o faz vitorioso, com poderes sobrenaturais. Na versão brasileira o Morto Agradecido encarna-se numa raposinha, talqualmente no *Le petit Bossu* francês, Emmanuel Cosquin, *CONTES POPULAIRES LORRAINS*, XIX. Numa estória russa, *El zarevich Ivan y el lobo gris*, Afanasiev, *CUENTOS POPULARES RUSOS*, 68, o príncipe consegue o pássaro de fogo, o cavalo das crinas de ouro e a infanta *Elena la Bella* com o auxílio do Lobo cinzento. A variante russa é idêntica à brasileira assim como à lorena de Cosquin. Apenas no conto de Afanasiev não há o Morto Agradecido, a dedicação do lobo é espontânea ou por ter devorado o cavalo do Zarevich. Uma das redações mais tradicionais da Europa é a novela de Straparola, *PIACEVOLI NOTTI*, XI, 2, a XXXI na seleção de Giovanni Macchia (Bompiani, 214, Milano, 1945). Por toda Europa do leste e norte é popular o conto de Andersen, *Le compagnon de voyage* (*CONTES D'ANDERSEN*, 125, tradução do dinamarquês por D. Soldi, Hachette, Paris, 1920). Uma coleção recente de con-

tos populares da Irlanda, IRISH FOLK-TALES, Jeremiah Curtis (anotado pelo prof. Seamus O'Duilearga, Dublin, 1943) *Baranoir, Son of a King in Erin, and the Daughter of King under the Wave*, 50, regista uma versão muito sugestiva do assunto geral. Na versão *Le petit Bossu* há mesmo *le oiseau vert* correspondendo ao papagaio e, de mais a mais, o pássaro verde loreno também é falador. Cf. Elsie Clew Parsons, FOLK-LORE FROM THE CAPE VERDE ISLANDS, I, *The Grateful Sprit*, 344 (é uma variante do João de Calais, *Jon de Scalais*); FOLK-LORE OF THE ANTILLES, FRENCH AND ENGLISH, I, 287, versões de Martinica, II, 113, 575, 578, versões de Guadalupe e do Haiti. O conto irlandês *Baranoir, Son of a King in Erin, and the Daughter of King under the wave* está traduzido no CUENTOS POPULARES Y LEYENDAS DE IRLANDA, ed. Espasa-Calpe, Argentina, *Baranoir, el hijo del rey de Erin y la hija del rey bajo la ola*, 49, Buenos Aires, 1947. Num conto basco recolhido por Wentworth Webster e outro de Segovia, registado por Aurelio M. Espinosa, o Morto Agradecido toma a forma de uma raposa. — Nota de L. da C. C.

11

O HOMEM PEQUENO

(Sergipe)

Uma vez um príncipe saiu a caçar com outros companheiros, e enterraram-se numa mata. O príncipe, que se chamava D. João, adiantou-se muito dos companheiros e se perdeu. Ao depois de muito andar, avistou um muro muito alto, que parecia uma montanha, e para lá se dirigiu. Quando lá chegou, conheceu que estava numa terra estranha, pertencente a uma família de gigantes. O dono da casa era um gigante enorme, que quase dava com a cabeça nas nuvens; tinha mulher também gigante, e uma filha gigante de nome Guimara.

Quando o dono da casa viu a D. João, gritou logo: "Oh! homem pequeno, o que anda fazendo?" O príncipe contou-lhe a sua história, e então o gigante disse: "Pois bem; fique aqui como meu criado". O príncipe lá ficou, e, passados tempos, Guimara se apaixonou por ele. O gigante, que desconfiou da cousa, chamou um dia o príncipe, e lhe disse: